

Algumas observações tradutivas endereçadas a Jean Laplanche¹

Francis Martens²

Tradução: Maria Teresa de Melo Carvalho

O “restabelecimento de Freud” por meio da teoria da sedução generalizada, a virtual refutabilidade desta teoria e o conseqüente reajuste da noção de inconsciente, permitem-nos finalmente confrontar um modelo psicanalítico estável com outras disciplinas, quer estas pertençam às ciências humanas ou às ciências da natureza. De um lado, a noção de tradução (com suas conotações etimológicas de travessia [*traversée*]) parece uma interface possível entre as abordagens neurocientífica e metapsicológica. Do outro, a insistência sobre a situação antropológica fundamental (uma criança virgem ainda de inconsciente confrontada a um adulto à mercê do seu), permite situar os desafios cruciais em um patamar mais fundamental do que o do Édipo: da mesma forma que o adquirido precede o inato (convocado à época da puberdade pelo relógio biológico), pode-se dizer que o sexuado polariza o sexual, que logicamente aparece antes. Neste nível intervém tanto o código genético da diferença dos sexos quanto seu acolhimento pela codificação cultural do gênero. Se não é possível saber quais são as mensagens comprometidas que uma mãe que amamenta envia a seu bebê, antigas estatísticas francesas apontam que uma mãe tem mais probabilidade de amamentar um filho do que uma filha, que os meninos são desmamados mais tardiamente do que as meninas e se beneficiam de mamadas mais longas e mais frequentes. Por outro lado, se do ponto de vista do beneficiário não é fácil reconstruir a forma pela qual intervém a “ajuda à tradução”, não é difícil constatar que a cultura oferece uma caixa de ressonância bem diferente ao pequeno cuja professora já não se atreve a acompanhar as idas aos banheiros (desde o “affaire Dutroux”), e ao futuro Luís XIII cujas babás se divertiam adulando o pênis [*guilleri*]³ até transformá-lo em “ponte levadiça” (diário de Héroard, médico do rei).

1 « Quelques remarques traductives adressées à Jean Laplanche », in « Le concept d'inconscient selon Jean Laplanche ». *Psychiatrie Française*. Paris, vol. XXXVII, n° 3, 2006, pp. 131-135.

2 Psicólogo, psicanalista e antropólogo. Fundador da *Université des services de psychiatrie et de santé mentale de l'Université Catholique de Louvain* (Bélgica). Membro fundador do *Caps Freudiens et de l'Association des psychologues praticiens d'orientation psychanalytique* (Bélgica).

3 Palavra do antigo francês, que significava “canto do pardal”, mas foi empregada para designar o pênis, especialmente no diário de Héroard, médico de Luís XIII (N. da T.).

O enriquecimento da teoria da sedução generalizada pela adoção da nova tópica proposta por Christophe Dejours (introdução do inconsciente “amencial” ao lado do inconsciente sexual recalçado) lança nova luz sobre a clínica das somatizações e das atuações impulsivas, e estende ao funcionamento psíquico comum mecanismos anteriormente observados graças à sua inflação patológica (clivagem e recusa). Representa também a ocasião de uma precisão semântica por parte de Laplanche que prefere a denominação “inconsciente encravado” [*inconscient enclavé*]:

o termo de ‘inconsciente amencial’, escreve Jean Laplanche, *supõe que* o recalque-tradução é um processo de mentalização a que não é submetido o inconsciente psicótico. Supõe também que as mensagens do outro não são “mentais”, mas que devem tornar-se mentais. Tenho dificuldade em fazer minha uma oposição ou mesmo uma dialética alma/corpo, *mens/soma* (LAPLANCHE, 2015, p. 197, n. 156).

Esta nota de pé de página não é anódina. Leva a precisar que essa teoria clara e bem definida do realismo do inconsciente exprime-se, entretanto, – e sem dúvida inevitavelmente – em termos metafóricos, que correspondem a lugares fictícios ainda que se trate de processos reais. A própria palavra “tradução” é metafórica e implica um movimento, um processo, uma transformação. A palavra “tópica” é uma metáfora espacial que combina bem com um enclave (e mesmo com um “purgatório”). No plano funcional, uma e outra se ajustam bem ao termo de “mentalização”. Será talvez necessário manter ambos os termos? Talvez ainda pudéssemos deslocar o olhar traduzindo-os em termos familiares à psicologia científica.

As mensagens do outro são obviamente mentais e lastreadas por seu inconsciente – se nos colocamos do ponto de vista desse outro. Mas do ponto de vista da criança, não se trata precisamente do processo de mentalização *in statu nascendi*? A armadilha da palavra “tradução”, se não tomarmos cuidado, está no fato de que ela leva a pensar que a criança traduz em sua própria língua aquilo que o outro lhe envia, ao passo que se trata da própria construção dessa língua – sob o império do outro, por meio de um processo essencialmente individual, mas com a assistência da caixa de ferramentas cultural. De um lado, uma *mensagem comprometida*, mais ou menos invasiva, emitida pelo adulto. Do outro, aquilo que é inicialmente *sentido* como simples *excitação* (estimulação imposta de fora, que vem lastrear os *cuidados* e que, sem dúvida, é difícil de distinguir das estimulações internas que acompanham a *necessidade*), para adquirir progressivamente o estatuto de *sinal* e finalmente integrar-se num universo de *signos*. Nessa perspectiva, o resto “intraduzido” da operação não é senão uma parte do *ex-citante* inicial, que se torna, no final do trajeto, *in-citante* (excitante interiorizado), isto é, morada pulsional. É preciso acrescentar que não é por ter escapado à integração tradutiva que esse resto – verdadeiro corpo estrangeiro interno – é não significativo. Pode-se lhe atribuir algo como uma forma: assim, os resíduos não mentalizados de excitação ligada aos cuidados alimentares provavelmente não são configurados do mesmo modo que aqueles que têm por objeto os esfíncteres. Pode-se supor que são suscetíveis de entrar repentinamente em ressonância – aquém de qualquer

representação – sob a impulsão de formas similares encontradas no ambiente exterior (veja-se os atos impulsivos regressivos de crianças próximas da “idade da razão”, porém convidadas para o aniversário de um “pequeno”...).

A psicologia experimental, para convocá-la por um instante, interessou-se muito pela sensação. Gustav Theodor Fechner (contemporâneo de Freud, fundador da psicofísica) constata que “a sensação cresce como o logaritmo da excitação”. Mas, além de um certo umbral de intensidade, qualquer sensação se confunde com a dor. Avançando um passo, certas excitações – que implicam a capacidade sensorial de discriminação correspondente – podem tornar-se “estímulos” acarretando automaticamente uma ou outra reação. Cada uma delas pode ser chamada “sinal” (tão logo percebido, por exemplo, tal estímulo – seja ele condicionado ou incondicionado – desencadeará uma reação de salivação). Assim, meu cão pavloviano, se é capaz de identificar a cor vermelha, poderá latir e agitar-se com a simples visão de uma cor associada à sua bola preferida. Indo um pouco mais longe, se ele é um bom cão skinneriano, poderá aprender a trazê-la de volta por conta própria. Ainda mais que isso, ele se tornará até capaz de parar diante do sinal vermelho! Mas, sejam quais forem suas aptidões perceptivas – que implicam certo reconhecimento da situação – e seja qual for a qualidade do ensinamento dispensado, há poucas chances de que o semáforo se torne para ele um “signo” de forma suficiente para que, à maneira dos Guardas Vermelhos, ele se pergunte se é oportuno parar diante do vermelho, tendo em vista a ideia de progresso atrelada a essa cor. Um sinal tal como um signo pode acarretar uma reação, mas entre um signo e o comportamento que se segue estende-se uma cena imaginária potencialmente tão vasta quanto a cultura interiorizada por aquele que captou esse signo. Reflexivo por definição, o espírito individual vai tão longe quanto a rede sociocultural da qual emerge, observa o filósofo George Herbert Mead (*Mind, self and Society*, 1934). Meu cachorro não é um pequeno burguês. Tudo leva a pensar que sua consciência perceptiva não é suficientemente reflexiva para lhe permitir representar a si próprio ao leme ao lado do Grande Timoneiro... Para ele, a luz vermelha permanece um sinal idêntico a si mesmo, apesar da Grande Revolução Cultural.

A aptidão à mentalização, à representação, à reflexão, à simbolização, é uma competência virtual que provavelmente só se desenvolve sob o imperativo da necessidade. Num primeiro tempo, a criança é estimulada pelas mensagens do adulto sem poder se desvencilhar delas. Ela é invadida, além do mais, por seus próprios sinais biológicos sem conseguir se proteger. Por uma clara intuição, Freud sublinha o desamparo original – *Hilflosigkeit* – do recém-nascido. Laplanche insiste: “*désaide*” [desajuda], “*insecours*” [carência de socorro], ele traduz. A criança é incapaz de escapar tanto daquilo que a excita do interior quanto daquilo que a invade do exterior. Por um tempo longo, não tem qualquer controle direto sobre o mundo. Para escapar da saturação dolorosa, é necessário atribuir-lhe uma competência específica: a de ausentar-se em si mesma num recolhimento que permite representar-se o que está acontecendo, em vez de sujeitar-se à total força do “outro”. Com efeito, qualquer que seja sua solicitude, o outro não é de forma alguma um repouso. Seu modo é *intrusivo*, segundo a teoria da sedução originária: ele procede no melhor dos casos por

“implantação”, no pior por “intromissão”. Diversas respostas patológicas conhecidas evidenciam a capacidade autodefensiva de ausentar-se num autorrecolhimento⁴, estas respostas podem chegar até a anestesia total nos casos de automutilação. Numa perspectiva psicanalítica, as aberrações mais espetaculares só vêm amiúde ressaltar modos de funcionamento comuns. Diversos quadros clínicos parecem evidenciar retrospectivamente a violência originária à qual toda criança está exposta: assim, as encenações sadomasoquistas podem levar a intrusão e a excitação aos limites do que é suportável, numa modalidade de controle que por vezes imita o *nursing*.

A partir do que foi dito até aqui, é possível definir o processo originário de tradução como uma travessia que – em prol da capacidade de retirar-se em si por não poder simplesmente retirar-se – faz com que o *sinal* se transforme em *signo* – mas não sem deixar um resto de excitação sensorial. Ao piscar constantemente e enigmaticamente dentro de mim, este saldo encarna a mutação de um *ex-citante* num *in-citante*. Dito de outro modo, a dor que me invade por inteiro pode focalizar-se convenientemente em torno da representação do médico, sem por isso anular, no entanto, o vestígio sensível da picada. Desprovida de sentido em si mesma (puro sinal doloroso), porém associada a uma representação significativa (a figura do profissional), esta zona dolorosa pode inscrever-se metonimicamente numa rede de significações virtualmente ilimitada. Ao contrário, a cicatriz ligada a uma dor fulgurante a ponto de abolir qualquer outra percepção, só poderá remeter a essa própria dor. Como vestígio, essa cicatriz tem, todavia, uma forma que a torna acessível a alguma construção retrospectiva de sentido.

Apta a transformar o sinal em signo, a *mentalização* seria como que uma interface entre as vertentes biológica e psicológica de uma mesma realidade – o *corpo* – que seria particularmente inadequado opor ao *espírito*. Com efeito, as distinções espírito/corpo, *psyché/soma*⁵, são operacionais somente na ficção pragmática do “organismo”, introduzida pela medicina experimental de Claude Bernard depois de ter sido gestada pelo “animal-máquina” de Descartes. A tradução, nessa perspectiva, não é a passagem de um sentido a outro, mas uma produção individual de sentido sob o inescapável agulhão do outro. Sentido, é preciso observar, declina-se aqui em todos os sentidos da palavra: sensorialidade, diretividade, significatividade. Na nova tópica, o que escapou ao processo tradutivo (por oposição ao que constitui seu resto ativo e recalcado) é perigosamente excitável e se encontra *encravado*, na falta de um melhor sistema de proteção.

4 As cosmogonias (mitos sobre o nascimento do mundo) talvez não sejam mais do que «psicogonias» implícitas (alegorias gráficas do nascimento do psiquismo e do pensamento, relatadas sob a forma de criação do mundo). No relato bíblico do Gênesis, criar equivale a «separar»: o ato criador de Deus (expressado pelo verbo *bara*) é na realidade um ato de separação-diferenciação. A Gênesis (ou melhor: *Bereshit*, isto é, o começo) convida-nos ao espetáculo gráfico desta formulação. Mas alguns sábios tiveram a audácia de perguntar-se o que poderia ter se passado na etapa precedente, no seio da perfeição eterna do próprio Deus mesmo (*en-sof*), para que esse ato tenha sido possível. Assim, Isaac Luria (um dos pilares da mística judaica, 1534-1572) postula, no seio da plenitude divina, um ato de *autocontração* em um ponto de sua própria infinitude – chamado «*tsimtsum*»- capaz de dar lugar ao curso da história, incluindo – acrescentarão certos cabalistas – a própria emergência do mal. Deus, ironizava Voltaire, *criou o homem à sua própria imagem e semelhança, e o homem correspondeu-lhe bem...*

5 - Onde estaria então o “germe”?

Eu preferiria então falar de “inconsciente amencial” e de “elementos encravados”. *Elementos* de preferência a *significantes*, pois, por não pertencerem a nenhum sistema de signos e de representações, por não se inscreverem em nenhum agenciamento fantasmático, são suscetíveis de reagir a qualquer momento – sem mediação nem medida – aos sinais vindos de fora.

Resposta de Jean Laplanche a Francis Martens

O texto enviado por Francis Martens não deixa a desejar à sua habitual vivacidade de espírito. É uma espécie de “*Post-it*”: Lembre-se, Jean Laplanche, a questão do “encravado” ou do “amencial” não está resolvida.

Não me oponho absolutamente a deixar em aberto essa problemática. Para mim “encravado” supõe a ideia de que a mensagem do adulto subsiste “*verbatim*” em estado de vestígio. Porém o texto dessa mensagem, que será submetido à tradução, não deixa de ser um “a traduzir”, já mentalizado pelo adulto emissor. “Amencial” supõe que se trata, muito mais de estímulos do que de mensagens (inclusive cenas) que são inscritos, e que é necessário um tempo de “mentalização”.

Seria essa mentalização idêntica à primeira tentativa de tradução? Mas “mentalizar” (o não mental, o puramente factual) não é traduzir.

Permaneço fiel à minha exegese de Freud, “cenas registradas que somente são compreendidas mais tarde”. “Registradas” quer dizer o quê? Quer dizer, ao mesmo tempo, que são inscritas (como uma fita de vídeo), não compreendidas, mas prontas a serem reativadas. É preciso supor, entre o tempo da inscrição e a tentativa de tradução, um tempo intermediário de “mentalização”? Em que consistiria? Não correríamos o risco de distanciar o outro de sua mensagem, e a mensagem de quem a recebe, retornando a um ponto de vista “ptolomaico”, “por procuração”, o de uma instância encarregada de dar sentido ao que não o tem? A ideia de uma atribuição retrospectiva de sentido ao que não o tem – que se pode considerar, por exemplo, pós-heideggeriana –, não poderia ressurgir aqui: sempre me empenhei em mostrar que somente haveria “ressignificação” ou, melhor, tradução, daquilo que vem do outro com um sentido, como mensagem (*Cf.* *Problématiques VI*, “*L’après-coup*”, Paris, 2006).

Recentemente, surpreendi-me com a ideia de Lebovici: “O objeto é investido antes de ser percebido”. Independentemente de nossa distância teórica, reformularia de bom grado essa frase dizendo que “nenhum X pode ser percebido se não faz parte de uma mensagem”. Por exemplo: se entrego um chocalho a um bebê em seu berço, esse objeto só pode ser percebido em relação ao contexto da mensagem que transmito.

Uma percepção pura ou um puro estímulo são abstrações, pelo menos quando falamos do ser humano. Freud enganou-se a esse respeito com o seu modelo do arco reflexo: num extremo, o estímulo; no outro, a ação motriz. Com efeito, no contexto do capítulo VII, onde Freud expõe pela primeira vez sua metapsicologia, dever-se-ia retomar o esquema inicial substituindo: “percepção” por “mensagem” e “motricidade” por “tradução”. Isto, evidentemente, para o ser humano e talvez para certos “homeotérmicos” bem-dotados.

Alguns bemóis a tudo isso: a noção de amencial – se entendo bem, a redução da mensagem a um sinal – não deveria ser desconstruída de acordo com os casos clínicos? “Amencial” diríamos do pedófilo, do assassino ou do estuprador em série. Quero dizer que eles próprios rechaçam a ideia de uma mentalização associada a seu ato. Isso seria uma razão suficiente para apoiar sua opinião e considerá-los seres não humanos, “predadores”, “monstros”? Cabe a nós fazê-los mentir!

Não estou de acordo, pois, em abandonar a “tradução” pela “mentalização”. A noção de mentalização deve ser esclarecida. Se compreendo bem os especialistas em psicossomática da *École de Paris*, poder-se-ia chegar à conclusão de que o pensamento operatório, “não mentalizado”, não faz parte do aparelho psíquico... tudo isso permanece aberto a amplas discussões, mas mantendo a clareza.

Ainda uma palavra sobre a passagem do sinal ao signo. Como não se lembrar da fecunda ambiguidade do termo freudiano *Wahrnehmungszeichen*: a tradução para *Zeichen* hesitando entre indício e signo (que “faz signo” [*qui “fait signe”*]). O “indício (ou sinal) de percepção” torna-se “signo de percepção” e, portanto, apto à tradução. No contexto do modelo proposto, talvez pudéssemos nos expressar desta forma: o que entra no Ics. encravado, seja por implantação ou por intromissão, é uma mensagem comprometida (em graus variáveis) pelo sexual. Essa mensagem permanece encravada, a título de “registrada, mas não compreendida” (FREUD), um pouco como uma mensagem-coisa, reduzida ao significante. Quando retomada pelo processo de tradução, é rementalizada. A tradução é uma rementalização que, por exemplo, faz com que a mensagem “mentalizada” de Freud, passe de um estado puramente significante, “de significado” – aquele do texto alemão impresso – a uma rementalização em francês. Diríamos que há signo aí (do emissor)? sinal (no Ics. encravado)? signo (no Pcs.)? Finalmente, constato com prazer que você está de acordo em distinguir (como Luchetti e eu mesmo) o retorno do recalado e a irrupção, no exterior, do inconsciente amencial ou encravado. E que você atribui os “atos impulsivos” procedentes do inconsciente encravado principalmente a “formas similares encontradas no ambiente exterior”.

Jean Laplanche